

Divulgação/ Bianca Masalskiene



Os gêmeos da foto são primos da estudante Bianca. O projeto “Diferenças” surgiu após o nascimento deles

A estudante Bianca Masalskiene, 18 anos, está entre as finalistas do Mapa Cultural Paulista. Ela foi selecionada e aguarda a data para a fase estadual, que acontecerá em São Paulo. A jovem, que cursa o 1º

ano de Publicidade e Propaganda na Uniara, realizou uma exposição do seu projeto fotográfico “Diferenças” durante todo mês de agosto de 2015.

Página 5

Crise econômica afeta entrada de estudantes em universidades

A crise econômica que atingiu o país em 2014 e persiste até o momento está gerando prejuízos no setor educacional.

Com uma redução significativa nas verbas destinadas ao Programa de Financiamento Estudantil (Fies), o Governo Federal precisou estipular novas regras de inclusão, que diminuiram a quantidade de contratos disponíveis.

Com a diminuição dos recursos, o interesse dos estudantes pelas universidades particulares também diminuiu. Em 2015, 314 mil vagas foram oferecidas pelo Ministério da Educação (MEC), mas apenas cerca de 243 mil foram preenchidas.

Página 6

Escolas adotam lei de combate ao bullying

No início de fevereiro de 2016, a lei que estabelece medidas de prevenção e combate à prática do *bullying* entrou em vigor. Para ser executada com excelência, o corpo docente e os funcionários das escolas estaduais da cidade participaram de um projeto de capacitação baseado no estudo da legislação e no planejamento escolar.

Segundo as palestras oferecidas, as penalidades da legislação consistem em serviços comunitários ou reclusão.

Os responsáveis receberam orientação sobre como identificar possíveis mudanças no comportamento das vítimas.

Página 4

Inovação em São Carlos

Projeto Guri da cidade é a primeira sede do estado de São Paulo a receber jovens estudantes de outros países. Além da troca cultural, os intercambistas desenvolveram trabalho diferente com os alunos do núcleo.

Página 2

Em busca de recursos

Através da Lei Rouanet, Orquestra da Universidade Federal de São Carlos tenta angariar apoio para melhoria em estrutura e suporte para viagens. Grupo musical também usará o financiamento para a divulgação de seu trabalho.

Página 6

Bonito para quem vê

Oficializada em 1839 pelo governo francês, a fotografia ainda não tem, ao certo, um pai. Joseph Nicéphore, físico francês, foi quem conseguiu registrar, depois de várias tentativas, a primeira fotografia com duração indefinida. Henry Talbot, cientista inglês, criou uma versão primitiva do negativo fotográfico. Como complemento disso tudo, Louis Daguerre, cenógrafo francês, fez com que a fotografia alcançasse um novo patamar: a obtenção de uma imagem inalterável.

Página 5

Imaginação à solta

Há dois anos a Companhia de Teatro 4i atua na cidade de Araraquara (SP), apresentando musicais infanto-juvenis e promovendo aulas de dança e teatro para diversos adolescentes. Ainda nesse ano, apresentará uma versão do clássico “A Pequena Sereia”, da Disney. As aulas são ministradas pelo diretor Matheus Carvalho e pela coreógrafa Tais Magnani.

Página 8



Divulgação

Atores em recente apresentação da peça “Nosso Louco Mundo”

Divulgação



Rafael Olsen e amigos na famosa Rota 66, nos Estados Unidos

Vivendo no exterior

Jovens relatam experiências de adaptação no programa Ciência sem Fronteiras

Repórter: Juliane Miranda

Com o intuito de abranger a expansão e internacionalização da ciência e da tecnologia, o Ciência sem Fronteiras já disponibilizou, no estado de São Paulo, 8.276 bolsas. Através do programa, muitos alunos já obtiveram diversas experiências boas e ruins durante o período de estudos no exterior.

Thales Freitas, estudante de Engenharia Mecatrônica na USP São Carlos (SP), foi aprovado para ficar em Hammond, Indiana, nos Estados Unidos. A principal dificuldade enfrentada foi a alimentação, pois muitas pessoas optam pelos baratos *fast foods*, mas o estudante, que se preocupa com a saúde, tenta ser mais saudável. Thales afirma que consegue manter esse estilo de vida cozinhando em casa e comprando frutas e verduras na própria faculdade.

Já Bianca Frachetta, estudante de Engenharia de Produção na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), con-

seguiu a bolsa para estudar em Maastricht, na Holanda.

Ela disse ter enfrentado menos 12° C (sensação térmica de menos 17°) em uma viagem à Hungria; e relata que teve de entrar diversas vezes em cafés para se aquecer, pois ficar ao ar livre, mesmo com muitos casacos, era insuportável. “Quando tive um tempo entrei numa loja e comprei um par de meias de esqui, que protegem o pé do frio”, contou.

Em relação à adaptação na volta ao Brasil, Rafael Olsen, estudante de Engenharia Elétrica na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), afirmou que, em ambas as universidades, as matérias são seme-

lhantes, porém o método de ensino e as avaliações são diferentes. Ele conta que a segregação de grupos é marcante na universidade em que estudou, em Wisconsin, Milwaukee (EUA). “No restaurante universitário tinha o grupo dos que falavam espanhol, grupo dos brasileiros, grupo de negros, e assim por diante”, relata

“SINTO SAUDADES DE CASA”

Projeto Guri de São Carlos recebe alunos de outros países

O objetivo do projeto é a troca de culturas e novos aprendizados

Repórter: Vitor Gimenes

O polo do Projeto Guri de São Carlos foi o primeiro núcleo participante a receber alunos de outros países, sendo eles dois noruegueses e dois moçambicanos. Os estudantes, que chegaram em janeiro e ficarão seis meses na cidade, estão alojados em apartamento construído pelo próprio projeto. A vinda dos intercambistas tem como objetivo trocas de conhecimentos e experiências.

A “Amigos do Guri”, gestora dos polos do projeto no interior e litoral do estado, firmou uma parceria com a filial da JMI – Jeuneusses Musicales International – da Noruega, para participar de um programa de intercâmbio voltado a jovens músicos de 18 a 25 anos, denominado MOVE – Musicians and Organizers Volunteer Exchange – e que resultou na vinda dos intercambistas para São Carlos.

INTERCAMBISTAS

Para o norueguês Nikolai Gmachi-Pammer, 22, essa é uma experiência incrível, pois além de trazer um pouco de sua cultura, também poderá levar importantes lições para seu país. Nikolai destaca o acolhimento que teve quando chegou: “O Brasil tem uma tendência de ser mais aberto e acolhedor, dá para sentir essa diferença”.

A moçambicana Carla Manoel Luís, 24, afirmou que esse projeto vai ajudar e ampliar seu conhecimento, que será retransmitido ao seu país. “O desenvolvimento chegou a todo lugar e através da música podemos mostrar que a África tem muito



Vitor Gimenes

Norueguês (c) acompanhado dos moçambicanos. Intercambistas na sede do projeto em São Carlos

a oferecer. Podemos fazer essa ligação de culturas entre o Brasil e a África”. Para Vando Costa Infante, 24, é bom conhecer outro país e cultura. “Várias coisas me chamaram atenção desde que cheguei. Me apaixonei pelo ritmo do maracatu, frevo e baião”.

Para que houvesse essa troca de culturas entre ambos os países, foi desenvolvido o Festival “Crie sua Própria Música”, no qual os alunos compunham músicas autorais que foram apresentadas entre os dias 11 e 12 de fevereiro, no Auditório

da Prefeitura Municipal de São Carlos. Os 150 alunos que participaram desse Festival tiveram o suporte dos intercambistas.

O Projeto Guri é um programa sociocultural mantido pela Secretaria Estadual de Cultura. Desde 1995, são oferecidos cursos de diversos instrumentos, de iniciação musical, canto e tecnologia em música. As aulas são gratuitas para crianças e adolescentes entre 6 e 18 anos. Atualmente são 410 polos de ensino espalhados pelo Estado de São Paulo e mais de 50 mil alunos.

EXPEDIENTE

Reitor:
Prof. Dr. Luiz Felipe Cabral Mauro

Chefe do Departamento de Ciências Humanas e Sociais:
Prof. Dr. Mivaldo Messias Ferrari

Coordenadora do Curso de Jornalismo:
Profª Ms. Elivanete Zappolini Barbi

Professores Orientadores:
Luiz Carlos Messias da Silva (Reportagem, Redação e Edição)
Solange Luiz (Design e Produção Gráfica e Fotojornalismo)

Secretário de Redação: Marcos Antonio de Oliveira Filho

Editores de Texto: Bruna Cristina Bortoloti Alves, Felipe de Almeida Silva, Murilo César de Araújo Romanholi, Sérgio Gabriel Calera e Thayná Beatriz da Cunha

Repórteres: Adriano Aparecido Sant’ana dos Santos, Alan Willian Raspante Lima, Alessandra Paula Cason, Amélia Carolina Alves da Cunha, Andressa Paula Santos, Bianca Cristiane Laroze, Bruna Cristina Campos Joiozo, Camilla Cristina Souza, Fernanda Olimpio Freitas Camargo, Jayne Pavão Coledam, Jéssica Karoline Bonine dos Santos, João Otávio Furlan, Joice Rodrigues Devite, Júlia Serio Franchi, Juliane Aparecida Miranda, Lilian Carla Tarin, Lucas Henrique da Silva Marcelino, Marcelo Lopes Bonholi, Maria Augusta Andreatti de Moraes, Naira Suelen de Moraes, Natália Ferreira Schimidt, Rodrigo de Carvalho Zanette, Sidney Rogerio do Prado, Taisa Maria Fontana, Tarciso Gonçalves Amorim Junior, Victoria Xavier, Vitor Augusto Gimenes e Walter Strozzi Filho.

CORREÇÃO: Na reportagem “Um novo olhar sobre o povoamento da América”, publicada na edição nº 56 deste Jornal, de 1º/12/2015, página 5, o pesquisador Fábio Grossi dos Santos é identificado como “Arqueólogo e Historiador” e, no decorrer do texto, como “Paleontólogo”. O correto é a forma da primeira citação, Arqueólogo e Historiador.

Estudantes usam internet para aprender novas línguas

Com plataformas de fácil acesso, interesse por novos idiomas é mais frequente

Repórter: Joice Rodrigues Devite

Com a globalização, o conhecimento em línguas estrangeiras passou a ser mais valorizado no mercado de trabalho, e com isso, a tecnologia têm sido bastante útil para facilitar o processo de aprendizagem. Com a facilidade como um foco, as plataformas online que disponibilizam os conteúdos são cada vez mais usadas por estudantes.

De acordo com o gestor de mídias sociais, prof. Samuel Gatti Robles, a tecnologia se tornou mediadora no processo de ensino e aprendizagem. “No caso específico de línguas, o rompimento da barreira é ainda maior, pois existe o fato de não ter mais o limite do local com a vantagem de poder estar falando com um professor nativo, e isso só a internet é capaz de fornecer. Inclusive hoje já existem cursos que oferecem as aulas totalmente via Skype, o que mostra que essas ferramentas de comunicação estão aí para atender essas demandas.”

Um exemplo disso é o estudante João Vitor Martinez, de Araraquara (SP), que, usando recursos online, se tornou fluente em dez idiomas: o português brasileiro e de Portugal, alemão, castelhano, inglês, francês, italiano, chinês, russo e japonês. Hoje, o universitário estuda literatura chinesa na Hubei University, na China.

Em outro caso, José Augusto Pirângelo, estudante de Ciências Biológicas, procurou aprender inglês na internet para conseguir dialogar. “Nas escolas, eles ensinavam muito a teoria e pouco a conversação, então procurei livros acadêmicos e aulas via Youtube, por ser mais estimulante. Isso me ajuda muito na faculdade, assim como na vida pessoal”, contou o universitário.

De seu lado, Vitor Venâncio, estudante de enfermagem, escolheu as plataformas virtuais por serem mais viáveis financeiramente, além da facilidade. “Agora, depois de cinco anos utilizando esse recurso, percebi que consigo falar muito bem,



Joice Rodrigues Devite

Sites, aplicativos e cursos gratuitos facilitam aprendizado

mesmo sem ter a ajuda de alguém, e com isso consegui fazer muitas amizades com pessoas de outros países”.

Escolas auxiliam professores no uso de tecnologia

Docentes têm dificuldade em lidar com os equipamentos, apesar do incentivo das escolas

Repórter: Andressa Paula

Após a chegada da tecnologia às escolas, estas se dedicam para que o programa de ensino seja atrativo, com a introdução de recursos digitais que tragam um novo formato no quesito sala de aula, apesar do bloqueio que professores demonstram quanto ao seu uso. O **Vital** procurou o SESI, a escola Etec Paulino Botelho (Industrial) e os colégios Adventista e Salesiano Dom Bosco para conversar sobre os recursos tecnológicos que os institutos oferecem e como os professores lidam com os aparelhos.

De acordo com o diretor do Colégio Adventista, José Velloso, a escola procura estar atualizada na ciência pedagógica, objetivando a interação entre estudante e professor.

Segundo ele, nos últimos anos o colégio trocou os computadores da sala de informática, disponibilizou tablets para os educadores e instalou projetor multimídia em todas as salas, mas explica que por mais que a instituição impulse e dê as coordenadas de como usar os dispositivos, ainda há professores que se sentem inseguros para manuseá-los durante a aula, cena semelhante ao que ocorre na escola Industrial.

Com receio de lidar com essa situação, o diretor do SESI, Heraldo Pimentel, quebrou essa barreira contratando um especialista em informática, que tinha como principal objetivo ajudar os educadores que não tinham facilidade para trabalhar com tecnologias de comunicação.

Da mesma maneira que o SESI vem trabalhando com o uso da tecnologia e mostrando



Andressa Paula

SESI de São Carlos foi pioneiro na introdução da tecnologia

bons resultados, a escola Salesiano também não enfrenta dificuldades em lidar com os aparatos tecnológicos. Apesar de não contar com o suporte de um

especialista da área, a coordenadora Elaine Hage diz que todos os professores são qualificados, facilitando a aprendizagem e o desenvolvimento da aula.

Maria Augusta



Aprendizagem requer cuidado

Idiomas na infância

Repórter: Maria Augusta

Durante o período de alfabetização, os cursos de língua estrangeira são facilmente adaptados no vocabulário das crianças, porém, para que haja discernimento dos idiomas em iniciação, os professores devem frisar a oralidade durante as aulas para que a criança aprenda um novo idioma.

A professora de Inglês, Cristina Tetzner, de Matão (SP), revela que as aulas de língua estrangeira precisam ser focadas na oralidade. O professor deve planejar o ensino com o objetivo de inserir aos poucos a escrita. A abordagem do educador com o aluno deve ser realizada de forma tranquila e sem pressão, pois o que é interessante no início, pode afastar a criança no decorrer do tempo.

A psicopedagoga Andrea de Moraes afirma que a partir dos 3 anos de idade a percepção de uma criança está pronta para receber todos os tipos de aprendizados. “Na adolescência, a proporção de sinapses é reduzida em relação à criança, o que sugere menos facilidade para a aquisição da linguagem depois dos primeiros 10 anos de vida”, completa.

Segundo Andrea, é necessário envolver o lúdico, assim as escolas conseguem atrair a atenção dos alunos para o ensino de outra língua. Além disso, os pais devem, primeiramente, respeitar os limites e anseios dos filhos.

A infância é uma fase importante. A criança precisa ter tempo para aprender conforme sua maturidade. As aulas extras se tornariam uma desvantagem caso houvesse o excesso de cobrança. Daí a importância do ensino de língua estrangeira a crianças ser formatado como uma brincadeira.

Crianças agressivas

Repórter: Camila Souza

Nas escolas de educação infantil, as crianças com idades de 5 a 8 anos apresentam comportamento agressivo. A ajuda de um especialista para orientar os pais sobre a maneira correta de proceder é fundamental, ainda que o comportamento, às vezes, seja só uma forma de chamar atenção.

A estudante de Pedagogia Tuani Rafaela Ferreira, que faz estágio numa escola de Matão (SP), relata que o professor conversa com a criança para tentar entendê-la. “As estagiárias auxiliam o aluno, caso não tenham êxito, os docentes enviam bilhetes aos pais para orientar o filho. Por fim, se não resolver, ocorre a conversa entre professor, coordenador, diretor e a criança, sempre no intuito de ajudar ou descobrir os motivos da agressividade”.

Segundo Tuani, a criança não entende as consequências dos seus atos, age deste modo para se defender.

O psicólogo Marcelo Andrade revela que a criança precisa de ajuda e observação para cessar este ciclo de violência, além de um acompanhamento com os familiares para saber um pouco mais sobre as atitudes e o convívio do aluno com diferentes pessoas. “Punição não é a melhor saída. É fundamental que professores e pais estejam atentos a tudo o que ocorre na sala, além de participar de modo ativo na vida do aluno”, afirma.

A Professora Edna Santos Silva, que leciona na E.M. “Adelino Bordignon”, explica que a criança não entende a consequência de seus atos, age deste modo para se defender.

De acordo com ela, a escola sempre promove palestras com profissionais capacitados e a equipe escolar os orientam nos diálogos com as crianças, onde acabam descobrindo que o ambiente familiar contribui muito para tal comportamento. “A criança reflete o que vê, seja em atitudes ou palavras; as regras da escola e o diálogo com o psicólogo também são eficientes. Os pais podem e devem acompanhar o tratamento de seu filho”, orienta a professora Edna.

Lei que combate as práticas do *bullying* entra em vigor

“Meus amigos não me defendiam porque tinham medo”, diz vítima de *bullying*

Repórter: Naira Morais

Entrou em vigor, no início de fevereiro, a lei que estabelece medidas de prevenção e combate à prática do *bullying*. Para que fosse executada, os educadores e funcionários das escolas de Ibitinga (SP), E.E. “Ângelo Martino” e E.E. “Josepha Maria de Oliveira Bersano”, participaram de um programa de capacitação e realizaram o estudo da legislação durante o planejamento escolar.

Segundo as diretoras dessas escolas, a primeira semana de aula foi focada na conscientização dos alunos e docentes, quando foram discutidos assuntos como a nova legislação e suas penalidades, tais como prestação de serviço comunitário ou reclusão.

Para os pais, as orientações foram dadas durante uma reunião de pais e mestres. Foi reforçado o pedido para que os responsáveis identifiquem possíveis mudanças de comportamento.

VÍTIMAS

Após passar pela situação durante todo o ensino médio,

quando zombavam dela atribuindo apelidos pela sua estatura e aparência, a vítima F.T.Q. investiu na carreira de modelo. Com isso, os ataques de *bullying* cessaram e os que antes cometiam o crime, tentaram se aproximar.

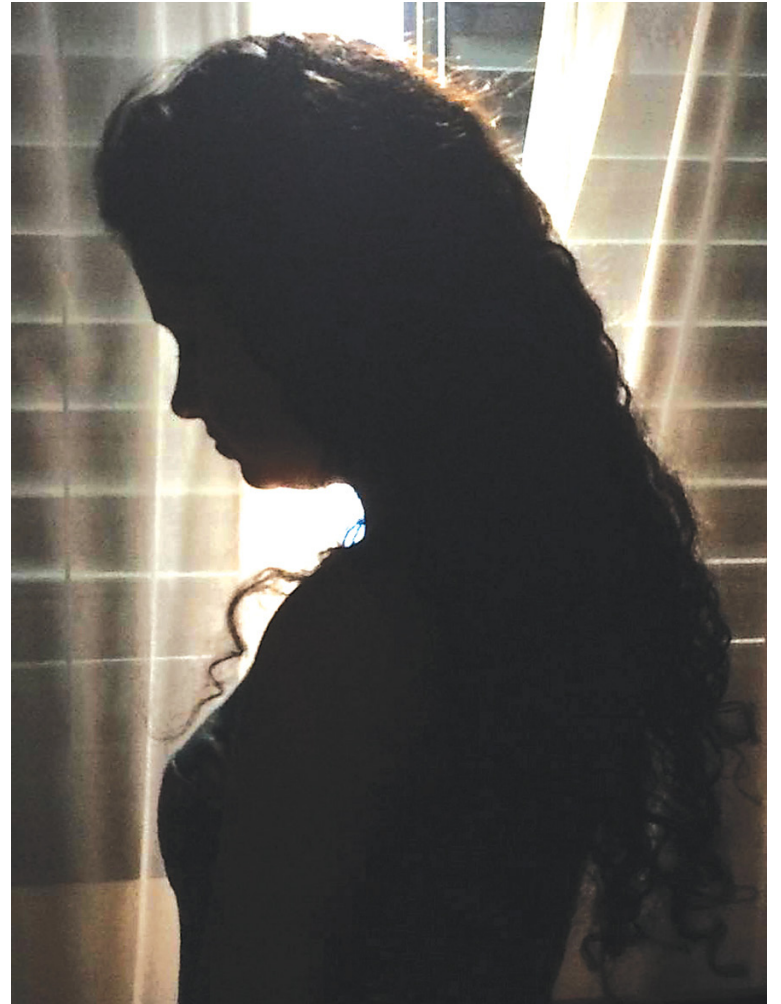
“No começo das ofensas eu me sentia incomodada, mas como era constante, tive que me acostumar e passei a levar na brincadeira, porque era uma forma de me defender”, relatou.

Já a vítima M.F.S. sofreu com o *bullying* desde os 7 anos, quando era apelidada pelos colegas de sala, mas na época seus pais não sabiam que tais atitudes eram crime.

“Lá me chamavam de feia, magrela e Mônica, por causa dos meus dentes separados. Sempre chorava em casa e eles perguntavam o que acontecera, mas nunca foram até lá porque nem sabiam o que era, o *bullying* nem existia”, contou a jovem.

As agressões verbais aconteciam na frente dos professores, mas ninguém fazia nada, nem mesmo os próprios amigos por medo do que poderia acontecer. “Eles acabavam ficando quietos para não serem os próximos alvos dos agressores”, disse.

Durante algum tempo, a ví-



Naira Morais

Vítima de *bullying* afirma que na época seus pais não tinham nenhuma informação sobre o assunto

tima sofreu com depressão, mas após o tratamento, afirma que presta mais atenção nas próprias atitudes para que ninguém

passasse pelo que passou. Essas práticas eram frequentes e tidas como naturais, principalmente nos ambientes escolares.

Escola de Araraquara tem pedagogia infantil humanizada

Pedagogia Waldorf proporciona “verdadeira infância” a alunos do primário

Repórter: Bianca Laroze

A escola Jardim do Sol foi fundada em Araraquara em 2011, a primeira de ensino primário com a pedagogia Waldorf da região. A metodologia de ensino tem como base o humanismo, que busca conhecer a criança como um todo, nas dimensões física, mental e espiritual. “As nossas crianças vivenciam uma verdadeira infância, subindo em árvores, brincando com materiais artesanais, sendo poupadas do uso de tecnologias, buscando desenvolver suas imaginações de forma natural”, relata a psicopedagoga Maria Meireles, atual professora e diretora da escola.



Bianca Laroze

Escola Jardim do Sol, em Araraquara, tem como base o humanismo para a educação dos alunos

Bonito aos olhos de quem vê

A arte de fotografar existe há anos e vem sendo cada vez mais reconhecida

Repórter: Victória Xavier

Atualmente, uma nova alternativa fotográfica surge como auxílio no ramo: os drones. Amanda Rocha, jornalista formada pelo USC de Bauru, e fotojornalista no Jornal Tribuna de Araraquara, diz que os drones são muito importantes se usados corretamente. “Eles podem auxiliar na descoberta de focos do mosquito da dengue, de água parada, em lugares que não dá para chegar. Também podem ajudar a cobrir uma rebelião na qual você não pode ir”. Outros setores que recebem ajuda das imagens de drones são os do meio ambiente, tráfego e segurança pública ou privada.

Além disso, Amanda ainda fala sobre o “pau de selfie”: “como é um modismo não faz mais sucesso. O próprio nome já diz: *selfie*, ou seja, é uma coisa só para você, então eu acho desnecessário para quem trabalha com fotografia”.

OS AMANTES DA FOTOGRAFIA

Um reconhecedor da fotografia é Matheus Dias, de 20 anos, que trabalha profissional-

mente com fotografia há um ano. “Vi uma oportunidade em conseguir dinheiro com isso, e é uma coisa que eu considero arte”. Além disso, comenta sobre o sucesso que tem na área: “O sucesso é uma consequência do reconhecimento do meu trabalho. Eu o realizo com dedicação”.

Outra apreciadora da fotografia é Ariel Donatti, de 18 anos, modelo de uma agência de moda. “A dona da agência me chamou para ser modelo fotográfica dizendo que eu era a cara da marca, então decidi participar e amei”. Mesmo gostando de ser fotografada, Ariel tem outro foco. “Eu tenho outros planos e pretendo cursar fisioterapia futuramente”.

Participante de um desfile de modelos, Leonardo Cerminaro, de 19 anos, fala sobre o aprendizado. “Eu desfilei em um concurso escolar. Decidi participar só para descobrir como é esse mundo de modelos”. Mesmo tendo feito um ensaio fotográfico, Cerminaro declara que prefere não ser fotografado. “Eu não me considero uma pessoa fotogênica, mas a experiência foi boa”.

Estefani Alice, de 18 anos, trabalha com pessoas e eventos, principalmente casamentos



Victória Xavier

A fotografia, com o passar dos anos, vem se transformando, inovando e surpreendendo cada vez mais

e festas de aniversário. “Decidi trabalhar com fotografia quando percebi que não conseguia viver sem ela em minha vida”. Estefani explica como tudo começou e se orgulha de seu trabalho: “Comecei a aprender sobre o mundo da fotografia em 2012, em 2013 comprei minha primeira câmera para realizar os meus trabalhos e em 2014 passei a me considerar uma gran-

de fotógrafa. Hoje realizo meu trabalho com muito prazer e satisfação”.

POR TRÁS DA TECNOLOGIA

Oficializada em 1839 pelo governo francês, a fotografia ainda não tem, ao certo, um pai. Joseph Nicephore, físico

francês, foi quem conseguiu registrar, depois de várias tentativas, a primeira fotografia com duração indefinida. Henry Talbot, cientista inglês, criou uma versão primitiva do negativo fotográfico. Como complemento disso tudo, Louis Daguerre, cenógrafo francês, fez com que a fotografia alcançasse um novo patamar: a obtenção de uma imagem inalterável.

Fotos além da memória

A estudante pensou no projeto após o nascimento de seus primos gêmeos

Repórter: Sérgio Gabriel Calera

A estudante Bianca Masalskiene, 18 anos, está entre as finalistas do Mapa Cultural Paulista. Ela foi selecionada e aguarda a data para a Fase Estadual, que acontecerá em São Paulo. A jovem, que cursa o 1º ano de Publicidade e Propaganda na Uniara, realizou uma exposição do seu projeto fotográfico “Diferenças” durante todo mês de agosto de 2015. A exibição contava com diversas fotos de irmãos gêmeos e ficou disponível na Casa da Cultura, na Biblioteca Municipal “Maria de Lourdes Lian” e na sede da OAB, em Matão (SP).

O Mapa Cultural Paulista é um evento criado com o objetivo de fomentar as produções culturais do interior. Bianca foi selecionada na Fase Regional e, depois, na Municipal, em ambas na modalidade Fotografia.

Bianca revela que sempre teve vontade de fazer um ensaio fotográfico e, quando os primos gêmeos nasceram, ela ficou apaixonada. “As pessoas pensam que gêmeos são iguais em tudo, mas não são, por isso decidi mostrar as diferenças que encontrei ao fotografar”, explicou.

Divulgação / Bianca Masalskiene



Foto do projeto “Diferenças”

Grafite vira profissão

Os desenhos decoram muros e paredes da cidade

Repórter: Bruna Joiozo

O grafite, atualmente, tem se profissionalizado entre seus adeptos. Estima-se que, só no interior de São Paulo, existam cerca de 500 grafiteiros em atividade, sendo que, pelo menos dez deles, atuam na região de Araraquara.

A popularização do grafite como modo de trabalho, apesar de recente, já abriu portas para diversos artistas da região. Marcelo Santos, morador de Américo Brasiliense, encontrou nesse meio uma forma de adquirir recursos fazendo o que gosta. Ele já tem diversas artes espalhadas pela cidade, as mais pedidas feitas em muros residenciais. Seus trabalhos variam de R\$ 50 a R\$ 250, dependendo do tamanho. Em média, Marcelo chega a ganhar R\$ 1000 por mês. O jovem diz que nunca foi contestado por cobrar seus grafites.

Já para Dario Leo, grafiteiro



Bruna Joiozo

Grafite tem sido opção na hora de reformar imóveis

de Araraquara, essa arte não deveria ser considerada um trabalho comercial, pois tem cunho de liberdade de expressão. Apesar de ter saído da marginalidade para ganhar status de arte, Dario acredita que o grafite deve ser feito em lugares não

definidos e com estilo livre.

Os materiais usados têm custo alto. Uma lata de tinta spray é vendida por R\$ 20 ou até mais. É para cobrir esses custos que muitos grafiteiros resolveram comercializar sua arte.

Crise econômica afeta entrada de estudantes em universidades

Com diminuição do número de bolsas, jovens procuram solução para estudar

Repórter: Marcelo Lopes Bonholi

A crise financeira que atingiu o país em 2014 e segue até o momento gerou prejuízos em diversas partes, inclusive no segmento da educação. Com a verba curta, o Governo Federal estipulou novas regras para o programa de Financiamento Estudantil (Fies), que diminuiu a quantidade de contratos disponíveis e gerou perda de benefícios para alunos e universidades.

Entre 2010 e 2013, no início dos programas, a procura por universidades particulares era grande, mas a partir de 2015, a procura pelo ensino privado

caiu. Segundo dados do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), 243.711 mil novos convênios foram firmados em 2015, quantidade de 22,4% menor do que as 314 mil vagas oferecidas pelo Ministério da Educação (MEC) no ano anterior.

Para a ex-aluna de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica (PUC), Victória Xavier, sua entrada no Fies nunca foi viabilizada, apesar de todas as tentativas. Na primeira vez que tentou, problemas com o site do MEC frustraram seus sonhos. Já na segunda tentativa, acabou em sexto lugar para uma única vaga que foi aberta no curso desejado. Hoje, Victória continua seus estudos no Centro Universitário de Araraquara (Uniara) e desistiu de tentar o recurso, assumindo o custo da mensalidade.

Com o corte de bolsas disponíveis, a dívida com as parcelas da faculdade também aumentaram. É o caso do estudante de Enfermagem João Victor Salles, que entrou na faculdade com o recurso, mas desde 2015 não consegue renová-lo e, com isso, acabou acumulando uma dívida de cerca de R\$ 5 mil. "Já não posso mais frequentar as aulas por causa do atraso, então estou tentando negociar para não desistir do meu futuro", disse.

MENSALIDADES

Diante das novas regras estabelecidas, o valor das mensalidades de universidades particulares obedece um teto



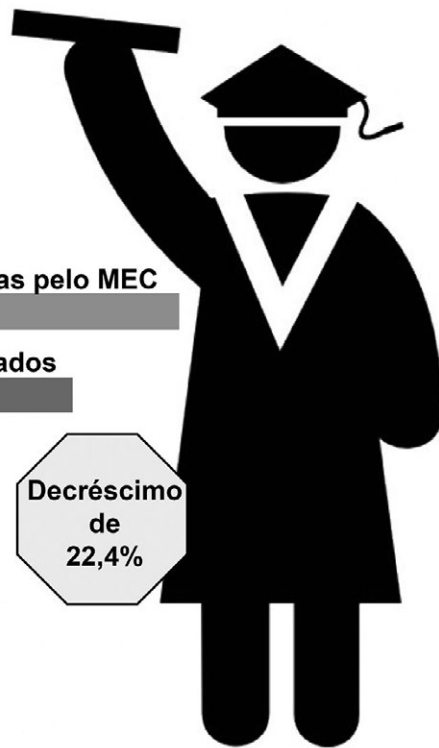
Victória Xavier já tentou duas vezes, mas não conseguiu o Fies e agora paga os próprios estudos

Divulgação / Marcelo Lopes Bonholi

314 mil vagas oferecidas pelo MEC

243.711 contratos firmados

Decréscimo de 22,4%



Dados apontam as diferenças na quantidade de vagas oferecidas pelo Ministério da Educação (MEC)

máximo estabelecido pelo MEC, que caso não seja cumprido, implica na redução do número de bolsas pelo Fies.

De acordo com a Lei 9.870/99, as instituições de ensino privadas, do berçário ao nível superior, só podem reajustar seus valores uma vez por ano. Em 2015, o Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de São Paulo (Siesp) informou que esse acréscimo ficou

entre 12% e 14%, impossibilitando o acesso de muitos estudantes a diversos cursos.

Para garantir a continuidade dos programas, as instituições então recorrendo à Justiça Federal para garantir as bolsas do Fies. Já os estudantes inadimplentes estão optando pela renegociação de dívidas com as instituições.

Impasse 'trava' meia

Repórter: Walter Strozzi

A nova lei de meia-entrada tem gerado dúvidas quanto a sua validade e aplicação. De um lado a legislação aprovada prevê a emissão exclusiva pelas entidades estudantis e de outro, uma liminar emitida pelo ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) Dias Tóffoli tira esta obrigatoriedade.

A dúvida deve permanecer até a matéria ser julgada pelo pleno do Tribunal, ainda sem previsão de ocorrer. Enquanto isso, vale a interpretação, como do Procon Araraquara, que reconhece documento emitido pelas entidades estudantis.

"Pela orientação que recebemos, na hora de proceder a fiscalização, serão considerados para aplicação da lei somente os documentos emitidos pelos representantes dos estudantes", afirma Rodrigo Martins, que coordena o órgão de defesa do con-

sumidor em Araraquara.

Martins reforça que a nova legislação é positiva, pois permite maior clareza sobre o direito de pagar metade do valor em cinemas, teatros, danceterias e diferentes eventos culturais e esportivos.

Ainda de acordo com o coordenador do Procon, o texto beneficia o consumidor, pois deixa claro quantos lugares devem estar disponíveis, com a previsão de uma lista em tempo real das vendas a fim de assegurar uma cota de 40%.

Para o estudante da Unesp Araraquara e diretor da UNE (União Nacional dos Estudantes) Guilherme Bianco, a principal mudança é a garantia efetiva do direito à meia-entrada com a criação de mecanismos de combate às fraudes.

Em Araraquara, a Carteira da UNE pode ser solicitada na sede do DCE Uniara, que fica na Rua Carlos Gomes, 1.361, no Centro. Informações pelo telefone (16) 3397 0081.

Orquestra da UFSCar busca apoio pela Lei Rouanet

Contribuição é feita por meio do Imposto de Renda

Repórter: Sidney Prado

A Orquestra Experimental da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) comemora, em 2016, seus 25 anos de fundação. Para celebrar a data, está lançando o projeto "Amigos da Orquestra", a fim de angariar contribuições de pessoas físicas e jurídicas por meio da Lei Rouanet para comprar novos instrumentos musicais e realizar mais shows.

Para a Orquestra se candidatar, foi necessário seguir as diretrizes do Ministério da Cultura (Minc) e atender alguns pré-requisitos técnicos estabelecidos no artigo 11 da Instrução Normativa N° 1, de 24 de junho de 2013.

Grupos interessados em obter esse tipo de apoio podem se inscrever no Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura pelo site do Minc: (<http://www.cultura.gov.br/>).

Divulgação



Violinista durante apresentação

E-book ou livro?

Repórter: Taisa Fontana

Segundo pesquisa divulgada pelo Ibope, o número de leitores no Brasil caiu 9,1% entre 2007 e 2011, em contrapartida a população cresceu quase 3% nesse mesmo período. De acordo com Hélio Gastaldi, diretor do Instituto de pesquisa, a redução da concentração de brasileiros em idade escolar e o aumento da expectativa de vida são alguns dos fatores dessa redução de leitores. Na cidade de Araraquara, a escritora Juliana Barbieri conta as dificuldades que vem enfrentando por causa da queda do interesse pela leitura. “Não acredito que o desafio de um escritor seja publicar obras em formato impresso ou e-book, e sim, a falta de interesse. Os leitores estão cada vez mais trocando a leitura ativa por outras atividades como assistir TV, reunir-se com amigos e navegar na internet”.

Para a professora de português Jéssica Cochetto, quem procura o e-book normalmente tem um interesse diferente de quem procura o impresso e, portanto, são complementares. “Eu sou tradicional em relação à leitura, por isso acho o impresso melhor, ao menos, para quem tem planos de fazer esta leitura de novo. Além disso, depender de baterias de aparelhos para ler livros é uma ideia que não me agrada. Porém muitas pessoas preferem comprar um e-book porque é um pouco mais barato”.

Como autora, Juliana Barbieri diz estar atenta às rápidas mudanças e às novas tecnologias que são questões cruciais para manter-se no mercado. A internet possibilitou que a informação chegasse ao leitor de forma mais rápida e objetiva”, ressalta a escritora.

Se em um aparelho eletrônico o leitor pode carregar uma estante de livros digitais, isso significa que centenas ou até mesmo milhares de livros podem ser transportados sem que representem peso ou ocupem espaço. Acomodados na memória desse pequeno aparelho, esses livros podem ser lidos em qualquer lugar, inclusive no escuro. Mas ainda pesa contra o e-book a paixão do leitor pelo contato físico com o livro, sem contar que os aparelhos eletrônicos podem descarregar a bateria.

Cursos técnicos crescem e tornam-se opção mais viável

Apesar da preferência pela graduação, técnico tem alta procura no mercado de trabalho

Repórter: Alan Raspante

Atualmente, existe uma demanda muito forte nas modalidades estudantis de graduação e ensino técnico. Se há 30 anos o jovem estudante tinha a certeza de sair do ensino médio para uma graduação, hoje, ele tem a possibilidade de cursar um técnico e sair especializado no que deseja e pronto para o mercado de trabalho. Este, aliás, é o diferencial entre as duas modalidades.

Com vasta experiência na seleção de candidatos em RH, Simone Medeiros diz que muitas empresas preferem contratar o portador de formação em curso técnico. “A pessoa que possui o conhecimento técnico tem mais vantagem que o graduado, pois é bem específico naquilo que faz. A maioria dos empregados atua na parte operacional, mão de obra, então, conta bem mais a pessoa que possui um curso técnico. A procura por eles é maior”, explica.

Formada em Administração pelo Centro Paula Souza, em Design de Moda, pela Uniara, Amanda Figueiredo agora cursa Administração Pública na Unesp. “A graduação oferece um tipo de formação mais amplo, você aprende um pouco de cada possibilidade de atuação

dentro do campo que escolheu. Já a formação técnica é mais rápida e focada no atendimento das necessidades do mercado de trabalho”, explica, a respeito de sua trajetória como estudante.

NA PRÁTICA

Amanda ainda revela que sua primeira graduação não foi satisfatória. Apenas ao ingressar em um curso técnico a estudante conseguiu resultados interessantes no mercado de trabalho. “Para quem não tem certeza de qual profissão escolher, fazer o técnico pode ser uma boa opção, porque, além de ser rápido, a pessoa consegue vivenciar a profissão na prática e descobrir se é realmente aquilo que ela pretende seguir”, recomenda Amanda.

Para o gerente do Posto de Atendimento ao Trabalhador de Araraquara (PAT), Edmilson de Oliveira Bueno, tanto a escolaridade quanto a experiência são fatores que ajudam a encontrar o emprego ideal. “A graduação é importante, complementa o técnico e amplia as possibilidades. O curso técnico faz com que o ingresso no mercado de trabalho seja mais rápido, por ser mais focado em uma profissão”, alega.



Alan Raspante

Amanda se prepara para mais um período de provas na faculdade de Administração

O inservível vira arte

Com um toque criativo, a técnica da marchetaria transforma o que antes era lixo em objetos de decoração

Repórter: Jayne Coledam

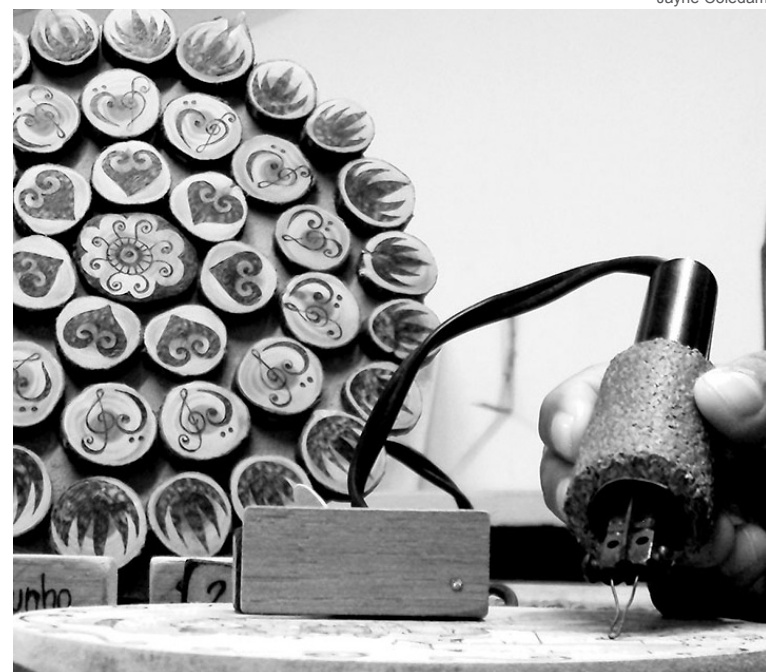
Há dois anos trabalhando com marchetaria e pirogravura - arte de desenhar sobre uma superfície de madeira ou couro com uma ponta incandescente ou uma chama fina - a artista plástica e também professora Azucena Cordova explica que a arte na madeira possibilita que a pessoa mostre sua personalidade através do trabalho criativo aplicado nas peças que produz.

Além da apreciação dos objetos criados, os adeptos à arte podem fazer dela uma fonte de renda. “Quadros, calendários e objetos decorativos são peças cobiçadas pelos que apreciam a arte e pagam por elas o valor

de peças exclusivas”, comenta Cordova.

A autônoma Maria Aparecida Pavan confirma: “Estava em uma exposição a passeio. Quando vi os trabalhos me encantei pela peça. Resultado, acabei levando para casa. O preço pouco me importou”. fala sobre a compra de um objeto.

Os interessados em aprender ou conhecer a arte em madeira ou couro podem procurar a Casa da Cultura de Araraquara, localizada na Rua São Bento, 909, centro, onde um curso que inclui as duas técnicas ocorre às quartas-feiras, das 18h30 às 20h30 com o custo mensal de R\$ 35. As inscrições permanecem abertas durante todo o ano.



Jayne Coledam

Com traços leves e muita criatividade, Azucena desenha sobre madeira usando pirografo

4i inova com peças musicais

Companhia 4i tem o intuito de incentivar a imaginação através de musicais

Repórter: Fernanda Camargo

A cidade de Araraquara, há 2 anos, ganhou uma nova Companhia de teatro musical. A 4i surgiu com o intuito de incentivar alunos e valorizar suas diferentes culturas étnicas através de aulas de dança e teatro. O nome é inspirado na principal filosofia do grupo: Inovar, Inspirar, Imaginar e Idealizar. A Cia. tem o propósito de apresentar, no final deste ano, uma adaptação do clássico “A Pequena Sereia”, de Walt Disney. As aulas já começaram, têm mensalidade de R\$ 25,00 e acontecem no Centro de Referência Afro. Algumas empresas patrocinam os espetáculos.

Nesses dois anos, o grupo já apresentou duas peças: “A Nova Floribella – O Espetáculo Musical” e “Nosso Louco Mundo”. Na cidade, não há nenhum outro grupo que trabalhe com teatro musical. Atualmente a Cia. possui em torno de 25 a 30 alunos com idade entre 14 e 40 anos.

As aulas são ministradas pelo diretor Mateus Carvalho e pela coreógrafa Tais Magnani. A coordenadora geral, Monique

Camargo, dá subsídios aos dois com orientação aos alunos e é responsável pela área administrativa-financeira dos projetos.

O fundador, diretor e professor de teatro, Mateus Carvalho, informou que sempre foi ligado à arte, mas, quando se mudou para Araraquara para iniciar a faculdade, se distanciou do teatro. “Quando me formei comecei a fazer parte de um grupo de teatro, mas não era muito meu perfil, porém concluí o trabalho. Meus amigos sempre falavam que eu tinha que criar uma Companhia, fazer algo mais com a minha cara. E aí foi fluindo. Quando vi já estava com o grupo montado”, explica o diretor.

É importante ressaltar a relevância que o teatro tem na vida dos alunos, pois pode ajudar em questões como timidez e confiança. Juliana Nunes Marcondes, integrante da Cia, disse ao **Vitral** que as aulas de teatro a ajudaram bastante. “Eu tinha um problema muito grande ao me relacionar com outras pessoas. Timidez era meu sobrenome. Quando entrei para o teatro isso mudou completamente, aprendi a ter mais confiança em mim em vários momentos im-



Divulgação

Elenco no espetáculo “Nosso Louco Mundo” no ano passado

portantes, como por exemplo, em uma entrevista de emprego”

Silvia Regina Nunes Marcondes, mãe da aluna, também notou uma grande diferença na filha. “A mudança foi visível. O

teatro a deixou mais feliz, desinibida e ela fez grandes amizades.”

Os interessados podem entrar em contato através da página no Facebook “Somos 4i”.

Anfiteatro em Matão não tem data prevista para reabrir

Espaço foi interditado em 2013, após uma vistoria constatar várias irregularidades

Repórter: Lucas Marcelino

A ausência de um local para realização de atividades culturais está gerando reclamação dos moradores de Matão (SP). O único anfiteatro da cidade está fechado há cerca de três anos por irregularidade e falta de alvará de funcionamento e, segundo o Corpo de Bombeiros, não há previsão para reabrir.

Recebendo peças teatrais e musicais, o Anfiteatro Estadual Adriana Manzi já existe há cerca de dez anos, mas precisou ser fechado em 2013, após vistorias do Corpo de Bombeiros, que alegou a falta do Atestado de Validade do Corpo de Bombeiro (AVCB).

De acordo com o cabo Adilson Marcos Serrano, para ser reaberto o local precisa passar por várias alterações, desde a saída de emergência até a implantação de extintores de incêndio. Após ade-

quação do local para a segurança do público, o espaço passará por nova avaliação, podendo ser regularizado.

Na época, a Secretaria de Educação e Cultura do município solicitou um pedido de reparação no local, já que o anfiteatro recebia eventos de toda natureza. Durante os três anos, a Prefeitura nunca recebeu resposta sobre o projeto.

PREJUÍZOS

Para os artistas que utilizavam o espaço, o maior prejuízo é por não terem outro local onde possam se apresentar. “Depois que fecharam o local, infelizmente as companhias do município não tiveram a oportunidade de nova apresentação ao público em local adequado”, afirmou Erick Rafael Costa, ex-integrante de uma companhia teatral da cidade.

Já para os moradores, o dano



Lucas Marcelino

Anfiteatro Adriana Manzi está fechado há quase três anos

é ainda maior por ficarem sem apresentações de maior porte. “Matão perdeu a chance de continuar enriquecendo o conhecimento cultural de forma mais ampla, o que prejudica a sua população”, opina Maria Fernanda de Cristo, dona de casa.

De acordo com o Corpo de

Bombeiros, não há previsão para o espaço reabrir. A Secretaria Estadual da Educação foi procurada mas não se posicionou sobre o caso e não estipulou prazo para começo da obra.

A cidade, enquanto isso, fica privada de espaços para grandes eventos culturais.

Sérgio Gabriel



As bibliotecas sobrevivem

Livros resistem

Repórter: Júlia Franchi

Com a popularização da internet, houve queda no número de pessoas que frequentam bibliotecas. Em Araraquara (SP), a biblioteca municipal Mario de Andrade voltou a apresentar melhora depois de sua reforma em 2013. O número de frequentadores passou de 51.057, em 2013, para 62.530 visitas em 2015.

Segundo a gerente de bibliotecas, Célia Regina, a razão pelo interesse do público é a atualização do acervo. A Secretaria da Cultura de São Paulo destinou R\$ 100 mil em 2015, que foram aplicados na compra de 1.500 livros para o público adulto e infanto-juvenil. “Se incluirmos os eventos realizados na Biblioteca, a frequência vai oscilar de 50 mil a 80 mil pessoas/ano”, completa Célia.

Levantamento realizado pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) mostra que houve queda nas vendas do setor editorial brasileiro. Em 2013 foram vendidos mais de 479 milhões de exemplares e, em 2014, cerca de 435 milhões. Assim houve um decréscimo de 9,8% nas vendas. Quando são consideradas também as vendas aos Governos, a queda no faturamento do setor chega ainda a ficar em torno de 9%.

O resultado mostra a expansão da internet em relação à venda de livros. As vendas dos e-books continuam em alta e cerca de R\$ 17 milhões foram arrecadados em 2014, enquanto em 2013, o segmento faturou R\$ 13 milhões. Apesar do crescimento, as vendas de e-books representam apenas 3,9% do total de livros comercializados.

A estudante Jéssica Godoi utiliza os dois meios. “Eu prefiro o livro físico, sem dúvidas, mas gosto de manter os dois tipos”.